

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: 74

Data: 30 de agosto de 1987

Pg.: \_\_\_\_\_

## Calha Norte

HÉLIO JAGUARIBE

**D**espercebido do grande público, está sendo implementado pelo governo federal um importante projeto no extremo norte do país, o projeto Calha Norte. Trata-se de uma iniciativa extremamente auspiciosa, tanto pelos objetivos que serão alcançados como pelas relevantes implicações que contém.

O projeto abrange a vasta faixa de fronteira do norte do Brasil, que se estende por 6.500 km, ao longo de nossas divisas com a Venezuela, a Colômbia, a República Cooperativa da Guiana, o Suriname e a Guiana Francesa. Fronteira de matas virgens, de populações indígenas com tribos ainda desconhecidas, formando uma amplíssima faixa do território nacional, totalmente desaguaneada pelo país. É precisamente por tais características que essa imensa região proporciona indevidados santuários para graves operações ilícitas, entre as quais avultam os aeroportos clandestinos que servem de base para o narcotráfico e para o contrabando de minerais raros.

O projeto Calha Norte foi concebido de sorte a dar um diversificado atendimento às duas principais exigências dessa região: a de seu desenvolvimento econômico-social e a da preservação da segurança nacional, ameaçada pelo crescente poder do narcotráfico. A partir de uma feliz iniciativa do general Bayma Denys, em meados de 1985, como secretário-geral do Conselho de Segurança Nacional, pôs-se em marcha um empreendimento interministerial mobilizando, ademais dos ministérios

militares, o Itamaraty, a Seplan e o Ministério do Interior.

Na dimensão do desenvolvimento econômico-social o projeto conduz à instalação e à ampliação da infraestrutura viária, à produção de energia elétrica, ao estabelecimento de pólos de desenvolvimento econômico, ao atendimento médico-educacional das populações locais e a uma intensificação dos serviços de assistência aos indígenas pela Funai. Ainda no plano da dinamização econômica da região, o projeto contempla a intensificação de nossas relações bilaterais com os países vizinhos, tanto para facilitar o comércio fronteiriço, ou para ativar os marcos demarcatórios, como para retomar a grande proposta brasileira do Tratado de Cooperação Amazônica, firmado em 1978 e ratificado em 1980, mas que permaneceu, praticamente, inativo.

Não menos importantes são os aspectos do projeto que dizem respeito à segurança nacional. Visa-se, de um modo geral, a assegurar condições para que a Marinha possa fiscalizar o tráfego dos grandes rios nortenhos, o Exército disponha de bases de apoio seletivamente situadas e a Aeronáutica passe a contar com aeroportos encravados na grande selva, a partir dos quais supervisione essa amplíssima região e ponha um termo ao perigoso tráfego aéreo clandestino que nela se realiza.

Num momento em que a crise econômica procrastina a retomada do crescimento do país e a crise de credibilidade do governo difunde a impressão de falta de rumos, é

extremamente auspicioso, como de início se observou, constatar que está sendo galhardamente implementado esse importante projeto. Um projeto cuja execução material é supremamente difícil, exigindo que as operações se iniciem pela descida, de pára-quedas, de homens e materiais que irão abrir clareiras no coração da selva equatorial. Que prossegue, depois, através da montagem, "in loco", dos tratores que irão preparar o terreno para a construção de aeroportos, usinas elétricas e outras instalações.

Tão importante quanto os objetivos a que dará atendimento são as implicações contidas no projeto Calha Norte. Essas implicações se relacionam com a emergência de uma nova concepção estratégica da segurança e da defesa nacionais. Como tenho salientado, em escritos anteriores, as profundas modificações, decorrentes do desenvolvimento brasileiro e de nosso relacionamento com os países sul-americanos, impunham uma correspondente revisão de nossas concepções de defesa e de segurança. O Brasil do século 19 herdou os conflitos da Colônia, que faziam com que nossas relações com a Argentina tivessem um caráter potencialmente conflitante. Impunha-se, em tais condições, uma estratégia de defesa predominantemente terrestre, orientada para possíveis situações de emergência com o vizinho sulino. Hoje, a Argentina é a principal aliada do Brasil no mundo e nossa solidariedade, fundada, objetivamente, na comunidade de

interesses fundamentais e na complementariedade de nossas capacidades, está instrumentalizada por um abrangente acordo de integração. Diversamente, a internacionalização de nossos interesses e nossa presença no mundo como um crescente exportador de manufaturas e importante importador de petróleo, por um lado e, por outro, nossa contiguidade territorial, no norte do país, com áreas em que se intensifica, perigosamente, o poder do narcotráfico, mudam a direção e o sentido de nossas ameaças potenciais. O perigo, hoje, está no Atlântico Sul e na Calha Norte. O perigo — sem embargo da continuada necessidade de apoio militar terrestre — tem, predominantemente, caráter aéreo-naval.

O projeto Calha Norte é uma das importantes vertentes da nova estratégia de segurança e de defesa nacionais exigida pelas novas condições do Brasil e do mundo. Bem concebido e bem executado, esse projeto tem o mérito de ir ao encontro de decisivos interesses nacionais, sem envolver despesas superiores às que a prudência atualmente nos autoriza. Na verdade, ele envolve, sobretudo, um belo esforço humano, de gente trabalhando galhardamente nas mais árduas condições ecológicas e prestando um relevante serviço para o desenvolvimento do país e para sua segurança.

HÉLIO JAGUARIBE, 63, é decano do Instituto de Estudos Políticos e Sociais do Rio de Janeiro, diretor do Departamento de Assuntos Internacionais do Conjunto Universitário Cândido Mendes (RJ) e autor do plano "Brasil 2000".